



TRABALHO ESTRANHADO, DESREALIZAÇÃO E *THE GOLDEN PATH*

MARIANA MAX LOPES DE ARAUJO⁵⁷

PEDRO CAVALCANTI⁵⁸

Resumo: O presente artigo busca analisar o videoclipe *The Golden Path* do grupo *The Chemical Brothers* com bibliografia crítica sobre trabalho e/no capitalismo, no intuito de analisar os elementos críticos presentes na obra. Para isso, faz-se uso de extensa revisão bibliográfica e análise crítica do clipe. Apreendidos os elementos conceituais fundamentais a partir da bibliografia, é possível obter a interpretação de que o clipe apresenta um processo de trabalho *estranhado* monótono, repetitivo e desgastante a ponto de se configurar como desrealização, cuja fuga implica em fantasiar sobre qualquer ordem de liberdade.

Palavras-chave: Capitalismo; Estranhamento; Subjetividade; Alienação; *The Chemical Brothers*.

Abstract: This study seeks to analyze the video clip *The Golden Path* by *The Chemical Brothers* group with a critical bibliography on work and/in capitalism, in order to analyze the critical elements present in the work. For this, extensive bibliographical review and critical analysis of the clip is used. Once the fundamental conceptual elements have been apprehended from the bibliography, it is possible to obtain the interpretation that the clip presents a monotonous, repetitive and exhausting estranged work process to the point of configuring itself as derealization, whose escape implies fantasizing about any order of freedom.

Keywords: Capitalism; *Entfremdung*; Subjectivity; *Entäusserung*; *The Golden Path*.

57 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco; extensionista do NoZ Coletivo pela PROExC/UFPE.

58 Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Políticas Públicas e Desenvolvimento (LABOR/UFRPE); realiza pesquisas de iniciação científica na UFRPE e na Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ.



A descrição mais gótica do capital é também a mais precisa. O capital é um parasita, um vampiro insaciável, uma epidemia zumbi; mas a carne viva que ele transforma em trabalho morto é a nossa, os zumbis que ele produz somos nós. (FISHER, 2020, p. 28)

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar o videoclipe de *The Golden Path* da dupla The Chemical Brothers a partir de um referencial crítico sobre trabalho e sociedade. Para isso, as principais ferramentas metodológicas utilizadas foram a revisão bibliográfica e análise crítica do videoclipe. Desse modo, foi possível apreender uma ordem conceitual adequada à análise de cunho interpretativo realizada aqui.

Sobre a conceituação, partimos de pressupostos marxianos básicos, em especial, o conceito de *trabalho estranhado*. Marx e Engels apontam que o primeiro pressuposto de toda existência humana (e de toda história) “é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos.” (2007, p. 87). Esse viver, por conseguinte, é resultado da relação de mediação entre o homem e natureza - sendo o trabalho o elemento determinante de tal mediação -, cuja relação sociometabólica se realiza através da *práxis*⁵⁹.

Isso implica o trabalho como elemento *fundante* da sociabilidade humana; protoforma do ser social. Esse, porém, apesar de sua essência, tem na história uma diversidade de atribuições dadas as relações de produção; cada sociedade tem relações de produção específicas que condicionam o modo de produzir as coisas, bem como a finalidade do produto. Cada sociedade tem seu metabolismo próprio⁶⁰.

De modo geral, porém, observamos que, entendido que as relações sociais - para além da estrutura de mediação básica trabalho-natureza - possuem relações próprias, moldadas historicamente, buscamos a chave explicativa em processos de múltiplas relações históricas nas quais as relações produtivas se reafirmam⁶¹. Assim, em primeiro momento, realizamos um esboço geral do trabalho no capitalismo como trabalho estranhado (*En-*

59 Além da Ideologia Alemã de Marx e Engels, Ver Mészáros, Para Além do Capital (2011). É na relação com a natureza que o humano encontra seu meio de realização; a natureza se apresenta como extensão do corpo humano, como corpo inorgânico, cuja mediação pelo trabalho tem como consequência a reprodução social.

60 Dado que a “história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (Marx & Engels, 2010, p. 40), também pressupomos aqui que a relação entre “dominantes” e “dominados”, implicando distintas formas de relação de produção e reprodução, implicam em mudanças fundamentais na estrutura sociometabólica de modo geral, com suas especificidades históricas. Ainda na Ideologia Alemã, Marx e Engels (2007, p. 32 e 33) ressaltam que, se o pressuposto é a existência de indivíduos humanos vivos, esses precisam “estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais.” Por isso, a condição de existência é a produção da “própria vida material”; isso é uma constante.

61 “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação.” (MARX, 2011, p. 54, grifos nossos).



tfremdung), destacando seus aspectos mais expressivos, para, posteriormente, cotejar com o clipe.

O trabalho estranhado e o capital

Vimos acima que o trabalho é uma atividade humana cujo processo é dado na relação de mediação sobre a natureza com uma causalidade transformadora; é, ainda, uma atividade cujo fim do processo já estava inscrito na consciência antes de sua realização; é uma atividade produtiva que marca a reprodução da sociabilidade.

Isso não significa que essa significação do trabalho como *práxis* humana implique sua retirada da historicidade: ou seja, esse “ser” tem uma série de fatores históricos que implicam em diferentes formas de mediação. Para a Economia Política, Marx observa nos Manuscritos Econômico-Filosóficos (2010), o trabalho - que já aparecia como parte da produção de riquezas, mas com fim nessa última - é tido em sua *forma* histórica específica - a do capitalismo - como a forma natural, bem como a ordem capitalista é dada como natural, acima da história. A ordem da *propriedade privada* sobre o *trabalho*. Nos Cadernos de Paris, Marx já dava algumas pistas (desenvolvidas posteriormente) sobre o trabalho nessa ordem:

sob a propriedade privada, o trabalho é alienação de vida, porque trabalho para viver, para conseguir um meio de viver. Meu trabalho não é minha vida [...]. Sob a propriedade privada, a minha individualidade está alienada a tal grau que esta atividade [o trabalho] me é detestável, motivo de tormento; é, antes, um simulacro de atividade, uma atividade puramente forçada, que me é imposta por um constrangimento exterior e contingente e não por uma exigência interna e necessária. (MARX, 2015, apud NETTO, 2020, p. 98).

Essa conclusão implica diretamente que:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (Gegenstand) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como



um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (sachlich), é a objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho. A efetivação (Verwirklichung) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (Entwirklichung) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (Entfremdung), como alienação (Entäusserung). (MARX, 2010, p. 80).

Faz-se aqui a distinção entre estranhamento (*Entfremdung*) e alienação (*Entäusserung*), especialmente a partir das formulações de Ricardo Antunes (2020, p. 99, primeira nota de rodapé). Nesse, a alienação pode aparecer como exteriorização, e, desse modo, parte ineliminável da práxis humana (o trabalho) na abstração geral da produção, enquanto estranhamento assume caráter eminentemente negativo do trabalho assalariado no capitalismo. Essas concepções de estranhamento e alienação, também aparecem, respectivamente, nos trabalhos de Jesus Ranieri (2014) e Caio Antunes (2014)⁶².

Assim, a alienação aparece como um *momento* da atividade produtiva que, apesar de dada objetivamente no processo de trabalho, é impactada pelas relações de produção de modo a molda-la determinadamente; essa determinação observamos como estranhamento: uma síntese - a partir da predominância das relações de produção capitalistas e sua lógica - de objetivações reificantes.

Em que consiste, então, a exteriorização (Entäusserung) do trabalho?

Primeiro, que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (Fremdheit) evidencia-se aqui [de forma] tão puta que, tão logo ine-

62 Ranieri aponta que, se tratando de “alienação”, Marx quer falar de “atividade, objetivações do ser humano na história”, enquanto “estranhamento se compõe dos obstáculos sociais que impedem que aquela atividade se realize em conformidade com as potencialidades humanas, obstáculos que, dadas as formas históricas de apropriação do trabalho e também de sua organização por meio da propriedade privada, faz com que a alienação apareça como um fenômeno concêntrico ao estranhamento.” (2014, p. 109) Caio Antunes coloca, para nós, em conformidade com essa noção, o fato de que “toda e qualquer tentativa de compreensão da problemática da alienação deve partir da constatação prática de que, por um lado, todo processo histórico está necessariamente sujeito a transformações, tanto fenomênicas quanto estruturais - e nem por isso mais perceptíveis - que diretamente influem em toda a apreensão do complexo analisado” (2014, p. 124), destacando as múltiplas determinações que tanto são estruturantes quanto metamorfoseadas em formas históricas.



xista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (Äusserlichkeit) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. [...] Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo. (MARX, 2010, p. 82-83).

A longa citação acima serve para esclarecer: *Em primeira medida, o não-reconhecimento em relação ao produto do trabalho retira dele meios de vida autônomo e transforma o trabalho na mediação de seus meios de vida; em segunda medida, essa objetivação aliena ao trabalho na própria atividade produtiva; não se reconhece no seu produto; também não se reconhece no próprio processo de produção, no interior do trabalho⁶³. Percebendo esses dois processos do estranhamento, Marx trata, então, de um terceiro e decisivo processo: o estranhamento em relação ao gênero humano.*

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. (MARX, 2010, p. 84).

O estranhamento então implica não se reconhecer no seu produto; na sua atividade produtiva; no gênero humano, para, no fim, como veremos adiante, estranhar os homens uns dos outros. Essa relação, porém, produz e é produto de uma forma histórica específica de sociabilidade: a capitalista. Imprime nas relações humanas a marca de suas relações como leis eternas. Se realizamos o trabalho, mas não nos reconhecemos nele, não deixamos de produzir; não produzimos para nós, mas para outro. Esse “outro” é o capitalista. O “produto” primeiro é a *propriedade privada*, que é produto do trabalho estranhado e o reproduz em sua ordem, em sucessivos processos de reificação.

Esse processo de reificação é dado de forma mais precisa em *O Capital*, onde Marx trata do fetichismo da mercadoria. Da objetivação do trabalho levada ao grau de estranhamento implica que o produto do trabalho assume “vida própria”, assume uma aura mística que o

⁶³ Já aqui, pode-se conceber que “a atividade produtiva é, então, atividade alienada quando se afasta de sua função apropriada de mediar humanamente a relação sujeito-objeto entre homem e natureza, e tende, em vez disso, levar o indivíduo isolado e reificado a ser reabsorvido pela ‘natureza’” (Mészáros, 2016, p. 81).



torna predominante nas relações sociais⁶⁴.

Nessa relação, Lukács aponta que “Para a consciência reificada”, essas formas de capital se transformam nos “verdadeiros representantes da sua vida social”, pois “nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais” (2018, p. 211). Assim, o capital imprime às consciências seu caráter, e suas implicações vão além da esfera das imposições estruturais: o estranhamento afeta a subjetividade dos trabalhadores dentro dessa estrutura reificada de consciência, de modo que tomam essa forma - a da individualidade burguesa - como a única forma de ser.

Capitalismo burocrático-fordista e The Golden Path

Se as relações sociais são tidas aqui como em condições diferentes na história, isso se implica que o capitalismo não é estático; possui sua dinâmica própria (e o estranhamento assume, assim, diferentes formas e impactos).

Em *O Capital* (Marx, 2017), ao tratar de forma extensa do desenvolvimento da divisão social do trabalho no capitalismo: as passagens sobre os capítulos da cooperação, manufatura e maquinaria e indústria moderna, o desenvolvimento da divisão social do trabalho dentro do capitalismo vai assumindo novos contornos de expressão do estranhamento observado acima: de forma geral, o trabalhador, na medida em que aumenta a expressão de sua produtividade em conjunto, vai parcializando e especializando suas operações, até o derradeiro momento onde, na fábrica moderna, o trabalhador é subsumido ao capital através de sua subordinação à maquinaria.

Os desdobramentos posteriores do capitalismo em seu processo de reinvenção levam a uma situação que perdura pela maior parte do século XX: as revoluções nas formas de gestão da força de trabalho e o avanço sobre a superprodução vem a configurar o paradigma fordista-taylorista, sob a esteira e o cronômetro. *Atividades simples com tempo cronometrado, produção em massa, monotonia, etc*⁶⁵. Para nossa discussão aqui, o importante a salientar é: esse processo teve impactos na subjetividade do trabalho.

64 “O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existentes à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtores do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. [...] a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não guardam, [...] absolutamente nenhuma relação com sua natureza física e com as relações materiais [dinglichen] que derivam desta última. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.” (MARX, 2017, p. 147, grifos nossos).

65 Ver principalmente Antunes (2000; 2015) e Braverman (1974).



“Balanceado” pelas regulações protetivas que conferiam ao trabalho certos seguros, salários, benefícios sociais⁶⁶, o capitalismo dessa época *agudizou o estranhamento* e fez predominar o *tédio*⁶⁷ pela monotonia levada ao extremo. Se o paradigma fordista-taylorista implicava em embrutecimento do trabalhador pela retirada de seu “saber” - agora relegado ao gerente - do fazer, os impactos sobre sua subjetividade implicam um tipo de degradação da atividade - em contrapartida aos ganhos já ditos.

A burocratização do capitalismo segue, a seu modo, o modelo de sistema empregado pelo exército prussiano, famoso por sua eficiência. Assim, ao final do século XIX, constrói-se, paralelamente à unificação alemã, também o momento de militarização da sociedade civil, com “corporações funcionando cada vez mais como exércitos, nos quais todos tinham seu lugar e cada lugar uma função definida”. (WEBER, 1991, *apud* SENNETT, 2019, p. 28).

Posto isso, ficam mais claras as cadeias de comando da era burocrática do capital, que se segue até os anos 1970 em esquema piramidal e hierárquico. Na base, estrato largo da grande maioria, estão os trabalhadores sob controle; seguindo para o topo, a quantidade de pessoas diminui, porém os que ali se encontram detém maior controle. Tal modelo aumenta justamente o grau de controle sobre o processo produtivo e sobre os empregados, aumentando também a calma - a até passividade - dos trabalhadores dentro e fora do ambiente laboral, gerando, por conseguinte, certa estabilidade social.

O elemento principal que acarreta nas condições previamente citadas é precisamente esse controle do tempo⁶⁸: há, pelo trabalhador, uma internalização da lógica burocrática de lenta ascensão e fragmentação da atividade produtiva enquanto se segue no caminho previsto por tal lógica. O controle do tempo é análogo ao aumento da divisão de trabalho manufatureira e isso implica que cada trabalhador tenha um tempo específico para a realização de suas funções; esse modelo se inicia ainda nas esteiras industriais fordistas e está submetido a uma lógica *monótona*. Obedecendo às regras do jogo, de modo resignado, um caminho de recompensas cumulativas será trilhado.

Trazemos, a título de análise e ilustração da amplitude de disseminação da lógica do *capital* explicitada previamente, o videoclipe da música *The Golden Path* (2011) do duo britânico *The Chemical Brothers*. Apresentaremos o modo como o trabalho estranhado, em

66 Ver Castel (2010) e Sennett (2019).

67 Ver artigo de Fisher (2020, p. 156).

68 O tempo racionalizado afetava profundamente a vida subjetiva. A palavra alemã *Bildung* designa um processo de formação pessoal que prepara o jovem para o encaminhamento de toda uma vida. Se no século XIX *Bildung* adquiriu contornos institucionais, no século XX os resultados tornaram-se concretos, exibidos em seu meado em obras como *The Organization Man* [O homem da organização], de William Whyte, *White Collar* [Colarinho branco], de C. Wright Mills, e *Bureaucracy* [Burocracia], de Michel Crozier. A visão do *Bildung* burocrático abraçada por Whyte é que a firmeza de propósitos torna-se mais importante que os súbitos surtos de ambição no interior da organização, que só rendem frutos a curto prazo. A análise de Crozier sobre o *Bildung* nas corporações francesas tratava da escada como objeto da imaginação, organizando o entendimento do indivíduo a seu próprio respeito; é possível subir, descer ou permanecer estagnado, mas haverá sempre um degrau onde pisar. (SENNETT, 2019, p. 30)



suas três faces, age sobre a realidade e principalmente sobre o trabalhador, evocando de maneira ‘aplicada’ os conceitos supracitados de modo a ilustrá-los. O clipe, em conjunto com a letra da música, sintetiza e expõe a dinâmica do estranhamento [*Entfremdung*] sobre um trabalhador de escritório do período burocrático.

A peça é ambientada em uma corporação no ano de 1970, e sua narrativa traz à lume uma forma de estranhamento própria à época. O clipe traz como personagens centrais um trabalhador pertencente à base da cadeia de comando; seu chefe, que compõe um estrato superior da pirâmide; as máquinas, elementos indispensáveis para o trabalho ali feito; e um grupo de jovens, *hippies*, que configuram tanto um grupo que protesta contra os *sell outs* corporativistas em frente ao monumental prédio de arquitetura brutalista que abriga a companhia, como também o *sonho*, ou ainda, a *ilusão* que penetra - e se faz penetrar - o trabalhador.

O processo do estranhamento se inicia no ato do não-reconhecimento de si por parte do trabalhador no produto fruto de sua atividade laboral, produto esse, que, ao ser *objetivado* se torna uma força externa e independente de seu produtor. No clipe, o modo como isso é ilustrado aparece nos momentos onde o trabalhador olha inexpressivo - diga-se *mortificado* - inicialmente para o grande prédio que abriga o escritório onde trabalha e produz e, respectivamente, para as máquinas que utiliza para produzir seu ofício e, através da janela de um andar alto, para o grupo que se manifesta contrário à lógica acachapante e reificante ali empregada. Ou seja - tomando a liberdade de reproduzir parte de citação já feita acima -,

[...] o objeto (Gegenstand) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta (o trabalhador) como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisa (sachlich), é a objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho. A efetivação (Verwirklichung) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (Entwirklichung) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (Entfremdung), como alienação (Entäusserung). (MARX, 2010, 80)

Este momento do processo de estranhamento se dá necessariamente em conjunto com o não-reconhecimento de si na própria atividade produtiva que preenche sua *vida genérica*⁶⁹. Marx introduz esse paralelismo essencial ao perguntar: “Como poderia o trabalhador

⁶⁹ Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos (2010) Marx introduz que os momentos de atividade produtiva, ou seja, os momentos de trabalho, são uma esfera separada da vida pessoal do trabalhador. Essa separação se dá por uma diferenciação nominal, enquanto a primeira é chamada de ‘vida genérica’ e a segunda é chamada ‘vida individual’.



defrontar-se alheio (*fremd*) ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não estranhasse a si mesmo?” (MARX, 2010, p. 82).

Em *The Golden Path* podemos analisar essa condição em todas as cenas que se passam dentro do escritório, palco último do estranhamento e, também, no fatídico momento de chegada ao ambiente produtivo, onde o trabalhador é defrontado pelo edifício e, no plano de seu imaginário, por toda a atividade produtiva que ali ganha vida.

O momento onde o homem chega ao edifício, e é por esse defrontado, dá o pontapé inicial para a condição de estranhamento de sua atividade mesma; não é ali que ele se reconhece, não é naquela *prática* que o trabalhador se afirma como sujeito. Na verdade, é ali que ele sai de si e não retorna até o momento de sair do trabalho, de ir para casa, de adentrar sua *vida individual*. Essa, categoricamente separada da *vida genérica* que, naquele ambiente, se concretiza. Outro exemplo patente dessa faceta do estranhamento é o momento onde o trabalhador encara, ainda - e sempre - mortificado, a tela da máquina computador, preenchida por um código binário grafado em pequenos caracteres verdes e brilhantes, que, pela linguagem informatizada, não apresenta nexos aparente; mas ainda sim é parte de seu processo de produção e o confronta. Marx sintetiza:

Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo. (MARX, 2010, p. 82)

Chegando em um terceiro estágio, como consequência direta dos modos de estranhamento vistos acima, o estranhamento agora passa a afetar diretamente o próprio gênero humano. Assim, “a consciência que o homem tem do seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento [...]” (MARX, 2010, p. 85). O trabalhador da base age com total distanciamento tanto de seu chefe quanto do grupo que protesta em desacordo com as atividades que ali tomam forma. Ao olhar pela janela observando o grupo de jovens de espírito livre - totalmente discrepante daquele do seu ser genérico -, o homem se mostra *infeliz* e distante. Mas não somente pela distância física, e sim por uma distância inerente à sua vida genérica que o afasta das propriedades de uma prática que o auto-afirme. Novamente mortificado, o homem em estância genérica se defronta como essencialmente separado por um abismo do grupo que mira.

Em íntima união ao último estágio apresentado está o auto-estranhamento (*Selbstentfremdung*), o estranhamento do homem pelo próprio homem, que, quando frente a si,



[...] confronta-se a ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem.

Em geral, a questão de que o homem está estranhado de seu ser genérico quer dizer que um homem está estranhado do outro, assim como cada um deles [está estranhado] da essência humana.

O estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para outro homem.

Na relação do trabalho estranhado cada homem considera, portanto, o outro segundo o critério e a relação na qual ele mesmo se encontra como trabalhador. (MARX, 2010, p. 86)

Nossa peça de análise não se finda no próprio estranhamento, encontramos nela também o *sonho*, ou a *ilusão* - podemos ainda chamar esse momento de momento de *fuga*. Aqui, os elementos vivos, seres humanos, que compõem o protesto de espírito livre também compõem uma fuga semi-onírica das mazelas do estranhamento.

A fuga, ou pelo menos o desejo dela, é colocado na peça desde as primeiras cenas. Há, desde o momento onde o homem trabalhador está chegando no edifício, uma contraposição de ideias e de vidas. Ainda frente ao prédio, o trabalhador vê passar naquela rua tomada de cinza uma van de tons coloridos, destoante de todo aquele ambiente dominado esteticamente pela burocracia, ambiente cinza e duro que invade e domina a cidade. Em seu cubículo, dentro da empresa, há em cima de sua mesa outro item que confronta o ambiente, uma revista chamada “*Free Love*”, que, como a van, também foge do monocromatismo. A ideia de liberdade não ressoa nem encontra espaço naquele andar duro e fechado.

O homem, na ocasião que encara mortificado e alheio o computador, encontra um espaço de fuga: encara a máquina, se aproxima dela, e como quem está entrando dentro da tela, entra, na verdade, na esfera do *sonho*, no escape. Do outro lado está o grupo de manifestantes, a quem o trabalhador se une, mas, agora, em outro ambiente, um lugar colorido, permeado por elementos de uma natureza que, ainda que modificada pelos seres humanos, não foi subsumida e invadida em sua totalidade pelo capital. Vemos nos escritos de Marx o quanto a escolha por uma fuga na natureza, fora do universo de alienação, estranhamento e reificação tem seu sentido - pressupondo a atividade consciente do ser



humano de dotar sua vida de sentido dada a passagem do pressuposto ontológico básico, o trabalho. Diz ele: “Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.” (MARX, 2010, p. 84).

A fuga para esse ambiente outro é, com efeito, um retorno. É uma *tentativa* de suprasunção do estranhamento, uma tentativa de negação deste. No sonho se encontram elementos antitéticos à lógica capitalista e burocrática. Ali, os seres humanos vivem não sua vida genérica, e sim sua vida individual, mas não sozinhos, vivem em comunhão e união. Nenhuma das práticas ali têm como meio ou fim a exteriorização ou a efetivação, nem levam à desefetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador como o que ocorre em sua outra vida. Assim, nesse lugar não são infelizes.

O retorno a um espaço que permite o pertencimento, a auto-afirmação e o desenvolvimento de uma energia física livre deixa para trás, ou tenta deixar, a própria lógica que ‘mortifica sua *physis* e arruina seu espírito’. O trabalhador, ali, consegue retornar ao autorreconhecimento de si como homem e conseqüentemente se vê como parte do gênero humano.

A partir disso, tecendo considerações finais aqui, podemos concluir - baseados em Mézáros (2016) -, o pressuposto de que a noção de *Entäusserung*, de estranhamento, não se finda em seu conceito, mas, justamente, na capacidade de tomar criticamente o ponto de vista do trabalho, em seus momentos de mediação - sejam as mediações de primeira ordem, ontológicas, do trabalho em geral, ou as de segunda ordem, mediação de mediação, o estranhamento do trabalho -, de modo que, partindo de uma concepção ontológica torna possível pensar a supressão (*Aufhebung*) da condição de estranhamento. O videoclipe analisada não pode nos fornecer chaves de superação do trabalho estranhado, sendo isso tarefa de movimentações materiais que dizem respeito ao domínio da *práxis* no real; pode, porém, servir de material, de suporte à crítica teórica.



Referências

- ANTUNES, Caio. Considerações sobre trabalho, alienação e subjetividade. In: ANTUNES, Ricardo (org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* São Paulo: Cortez, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1974.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX; Karl.; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MÉSZÁROS, Istvan. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MÉSZÁROS, Istvan. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- RANIERI, Jesus. O fenômeno do estranhamento e a atualidade do conteúdo da crítica ao capital: ainda Marx. In: Ricardo (org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2019.